A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.58581

Terça-feira, 22 de Janeiro de de 1924

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º ◇ Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA confia na estreita união de todo o pessoal dos Correios e Telégrafos na luta pelo triunfo das suas justíssimas reclamações

A ATITUDE ALTIVA DA CLASSE TELEGRAFO-POSTAL

A classe telégrafo-postal, cujas intenções nobres certa imprensa tem deturpado, realizou ontem uma grandiosa manifestação de simpatia a um camarada perseguido e à «Batalha». Essa manifestação significa também um formal protesto contra a atitude odiosa do sr. António Maria da Silva que, como administrador geral dos Correios e Telégrafos, se tem oposto a tôdas as aspirações justas daquela classe.

Aos manifestantes que vieram saudar efusivamente a "Batalha", disse um nosso redator que o jornal dos trabalhadores que se encontra ao lado de tôdas as reclamações justas, estaria implicitamente ao lado da classe telégrafo-postal que tam explorada e perseguida tem sido. "A Batalha" ratifica hoje com todo o entusiasmo as palavras que o nosso redactor ontem proferiu.

10 horas de trabalho

No que êles se entretinham no Congresso Nacionalista

O congresso do partido nacionalista forneceu duas provas frisantes do antagonismo entre a política e os interêsses da classe trabalhadora. Uma das provas consubstância-se na preconisação feita por um congressista do dia de 10 horas de trabalho. Ninguém, entre os congressistas se ergueu a protestar contra semelhante atentado. E' que o espírito do congresso era essencialmente político, e portanto caracterizadamente inimigo da classe trabalhadora. A assemblea não se compunha de operários nem foi um operário o autor da proposta. Ganhou-se neste país a singular mania de mandar trabalhar os outros. No congresso nacionalista seguiu-se à risca essa mania. Que conhecimentos práticos possui o congressista que atacou uma regalia operária das condições de trabalho dos que trabalham nas minas, nas fábricas, nas oficinas, na agricultura? Esse congressista é o sr. Belchior de Figueiredo. Foi êle alguma vez mineiro? Sabe o que representam 10 horas de permanência e de trabalho no sub-solo, conhece essa existência de condenado? Não conhece. Foi operário da construção civil, trabalhou no ramo da metalurgia, andou porventura a bordo dum navio, lidou nas profissões nocivas para a saúde, nos trabalhos mais violentos? Não. O sr. Belchior de Figueiredo foi há pouco governador civil.

Ora isto de mandar proceder à prisão de individuos ou manter prisões efectuadas sôbre a sua responsabilidade não habilita nem a sofrer a escravidão a que o salariato força o trabalhador nem a empregar o esfôrço nem a correr os riscos que só aos trabalhadores cabem. E, o congresso era composto na sua maior parte por capitalistas, de vária espécie, isto é, de criaturas que teem operários assalariados ou arrancaram as suas fortunas e alicerçam os seus privilégios na exploração do proletariado.

Sim 10 horas de trabalho... podem tê-las aqueles que na sua vida nunca perfazem 10 minutos de trabalho útil. Se os políticos do partido nacionalista ou os políticos de outro qualquer partido em vez de terem como modo de vida a política, tivessem como modo de vida, o trabalho, não fariam por certo a defesa das 10 horas de trabalho. E' que mandar trabalhar os outros é fácil; ir trabalhar é difícil.

O proletariado tornou-se e, com justificada razão, indiferente e hostil à política. E' que a política é caracterizadamente anti-operária. O congresso nacionalista, com espantosa leviandade provou que em nada reconhece os direitos que os trabalhadores conquistaram.

As 10 horas de trabalho foram apresentadas como um meio de salvar o país da ruína. Uma imprensa nas mãos de argentários, uma política manobrando por sugestão de argentários, o câmbio manobrado por argentários, os meios de consumo nas mãos de argentários—eis o actual momento. O país é uma roça, com alguns roceiros, muitos parasitas e uma população trabalhando e estalando de fome.

O partido nacionalista é pelos roceiros, aspira a governar a roça para aumentar ainda mais a exploração dos roceiros. Não se imagine que a nossa repulsa pela política se circunscreve ao partido nacionalista. O partido democrático tem sido radicalmente inimigo dos interêsses proletários. O mesmo dizemos de todos os partidos políticos que se revesam no Terreiro do Paço ou lá aspiram a alcandorar-se.

Se nos referimos agora aos nacionalistas é por factos ocorridos no seu congresso. Apontámos o do horário de trabalho. Outro houve ainda e êsse refere-se ao inquilinato. Esse congressista que é o sr. Tomé de Barros Queiroz defendeu o aumento das rendas de casa. Esse aumento, no dizer do citado congressista devia ser feito por doses. Em vez dum aumento duma só vez faziam-se vários aumentos por diversas vezes.

Estes alvitres no Congresso Nacionalista provam que não há ideas pròpriamente nacionalistas mas interêsses que provàvelmente aos nacionalistas interessam.

Quando voltarem ao Terreiro do Paço, aqueles patriotas, aqueles nacionalistas, legislam para êles—e contra nós.

C. G. T.

Aviso aos organismos confederados

Por esta forma se comunica às Federações e Uniões, bem como aos Sindicatos isolados ou nacionais, que podem fazer as suas requisições de expediente para cobrança do corrente ano.

Mais se comunica que já há sêlos para a cobrança mensal, e portanto os organismos que façam tal cobrança, podem fazer as respectivas requisições.

O Comité Confederal

Classes que reclamam

Classes gráficas

Reúnem hoje, pelas 20 horas, as comissões pró-aumento de salário nomeada na última assemblea geral e a do anterior movimento, para um assunto inadiável.

Construção Civil

Reúne hoje, às 20 horas, na sede do S. U. da Construção Civil, o pessoal das obras do sr. Toresé a fim de apreciar as reclamações de aumento de salário e a sua sindicalisação.

Marítimos de Cezimbra

CEZIMBRA, 20. — Com a presença de Manuel Rodrigues e António Pinto dos Santos, delegados da Federação Marítima, realizou-se ontem, no sindicato, uma sessão que decorreu sempre com o maior entusiasmo, estando a sala repleta.

Presidiu Carlos Pinto Salgado, secretariado por Manuel Bogalheira e Jacinto Louro, tendo usado da palavra, além do presidente, Custódio Rodrigues, que expôs os motivos da paralização do trabalho, Carlos Marques Carapinha, Ramiro da Piedade, Fernando da Silva e os delegados da Federação, sendo todos calorosamente aplaudidos.

No final da sessão foram levantados vivas, muito correspondidos, à C. G. T., à Federação, à união do proletariado de todo o mundo, etc.

Hoje voltou a classe a reünir para apreciar as «démarches» efectuadas pela comissão de melhoramentos e delegados da Federação Marítima, sendo dados a estas entidades plenos poderes para solucionar o conflito.

Amanhã a comissão e os delegados referidos avistar-se-hão com os armadores, esperando-se que as partes em litígio cheguem a acôrdo o mais breve possível.

NOTAS & COMENTARIOS

—Deus. Patria e...

No último congresso nacionalista ou seja o congresso de 6 ou 7 décimos dêsse fracionado partido, foi pronunciado, com geral assentimento, um discurso reconhecendo na religião católica uma manancial de virtudes passadas e presentes. Atacar essa religião equivale a extirpar do povo as suas mais belas, fortes e tradicionais qualidades.

Não paravam aqui as manifestações de fidelidade ao catolicismo. Ainda prosseguiram até a uma comevedora e unisona e vibrante saüdação ao jornal reacionariamente monárquico e católico —A «Epoca». Durou pouco o republicanismo dêstes inveterados monárquicos, 13 anos de orçamento na república dilatou-lhes o ventre e arrastou-os para a oração. E' curioso que seja um congresso republicano quem se curve perante o poder do papa, a batina do padre e os crimes da igreja. Comer e rezar — são duas virtudes nacionalistas...

Os estropeados

Os estropeados da guerra reüniram no sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército. Reclamam dos que os mandaram á guerra em nome do «direito e da justiça» que lhe reconheçam a justiça que lhes assiste no seu direito á vida. Os poderes públicos far-se-hão, o mais possivel, surdos a esta justa reclamação. Os estropeados da guerra estão condenados, a ser, por muito tempo, os estropeados da paz. Oxalá não os vitime a paz, completando a obra da guerra—matando-os á fome.

Pedro Fazenda

Esteve nesta redação a apresentar os seus cumprimentos de despedida, o governador civil demissionário, dr. sr. Pedro Fazenda.

OS SENHORIOS

Um «truc» infame:

Para esclarecimentos, pedimos a comparência do informador das noticias que temos publicado com o título acima, hoje, pelas 21 e meia horas.

Escolas Primárias Superiores

Um protesto da Associação dos Professores de Portugal contra a sua extinção

A suspensão das Escolas Primárias Superiores já aqui o acentuámos, representa mais uma decisão iníqua da república em matéria de ensino. Suprimir escolas, como único remédio para abolir alguns defeitos resultantes da sua incompleta adaptação à função que determinou a sua criação, constitue, principalmente um procedimento insólito. Destruir concretizadamente essas escolas e deixar no vago a promessa de que seriam eliminados os prejuízos derivados dessa eliminação pode agradar aos néscios mas certamente move o descontentamento dos que teem noção experimental e exata do momento que passa.

Recebemos duma aluna das Escolas Primárias Superiores, um veemente protesto contra a extinção das referidas escolas e uma saüdação pela atitude da divergência que assumimos. Dêsse protesto extratamos as linhas que seguem:

«Como aluna das Escolas Primárias Superiores venho apresentar-vos as minhas saüdações pela nobre atitude de defeza que *A Batalha* tomou em face do atentado praticado contra a instrução do povo.

«Também fui pessoalmente atingida pela supressão das Escolas Primárias Superiores. Sou forçada a interromper os meus estudos porque sou pobre, escasseando porisso os meios de freqüentar o liceu. Em meu nome e no de todos os alunos impedidos de continuar os seus estudos, o meu protesto veemente contra o gesto do sr. ministro da instrução. De v. etc. *Alzira Santos.*»

Em breves dias efectuar-se-há uma sessão de controvérsia entre dois conhecidos pedagogos sôbre a extinção das Escolas Primárias Superiores A essa sessão que se realizará num sindicato operário devem assistir todos aqueles que reconhecem a capital importância dos problemas de ensino.

Da Associação dos Professores de Portugal, aderentes à Internacional dos Educadores recebemos a seguinte nota oficiosa que passamos a publicar:

«A «Associação de Professores de Portugal», constatando a urgente necessidade de remodelar profundamente todo o nosso sistema educativo, no sentido de o integrar completamente nas necessidades da colectividade, formando o homem integral e profissional que há de edificar o novo mundo que o determinismo social lhe impõe; constatando que a extensão e intensificação da cultura das massas populares é a pedra angular de todo o progresso social,—protesta contra a extinção das Escolas Primárias Superiores em primeiro lugar por atentar contra uma alta conquista das classes populares e contra os legítimos direitos de cultura, em segundo lugar por constituir uma violenta e odiosa medida de excepção ante a deficiente produção de todo o corpo da educação nacional em face das imperiosas necessidades da hora presente. Regista ainda o estranho facto de que o govêrno e o grupo «Seara Nova» preferissem o ministério da instrução ao ministro da guerra para radicais medidas de compressão das despesas públicas.

A «Associação de Professores de Portugal», vivendo acima de estreitos interêsses de corporativismo, norteada pelos mais altos ideais pedagógicos e humanos, afirma mais a doutrina de que os govêrnos, por mais patriotas que sejam os seus homens, não teem o direito de ser parciais nem de remir com a miséria e a humilhação dos funcionários públicos os crimes acumulados do Estado».

Uma entrevista da Federação Metalúrgica

Extraordinàriamente reüniu ontem a comissão administrativa da Federação Metalúrgica que, entre várias resoluções, deliberou entrevistar hoje os directores da Associação Industrial, ministro do comércio e entidades que superintendem nos caminhos de ferro do Sul e Sueste sôbre um assunto da máxima gravidade.

Mateo e Nicolau

Não foram apenas os operários e os revolucionários que protestaram contra a sua condenação, a colónia espanhola em Lisboa também reclamou o seu indulto

A condenação à morte de Luís Nicolau Fort e Pedro Mateo não indignou sòmente as fileiras revolucionárias de todo o mundo. Tôdas as pessoas de sensibilidade afirmaram o seu desacôrdo perante uma justiça vesga que pretendia ferir mortalmente dois inocentes, numa sêde de vingança revoltante e sanguinária. O seu indulto foi uma satisfação dada à reclamação unânime da consciência mundial.

A colónia espanhola residente em Lisboa, sem distinção de credos políticos e posições sociais também manifestou a sua divergência pela condenação à morte de Mateo e Nicolau, como o comprova a cópia do seguinte telegrama que foi enviado ao rei Afonso XIII:

«A colónia espanhola residente em Lisboa encarregou os presidentes das suas três colectividades representativas nesta capital de solicitar de V. M. a comutação da pena de morte a que foram condenados Luís Nicolau Fort e Pedro Mateo (as) *Alejo Carreira*, pela Juventude Galicia; *Gregório Gil Fons*, pelo Centro Democrático Espanhol; *Enrique Martinez*, pelo Centro Espanhol.

Recebemos o seguinte telegrama:

«PONTE DO SOR, 21.—T.—Envio saüdações ao proletariado e à *Batalha* pelo seu belo movimento de solidariedade pro Nicolau e Mateo que evitou que a reacção espanhola afogasse em sangue a vida de dois inocentes em holocausto a ideais inquisitoriais e regressivas de reivindita tôrpe. — *Miquelina.*

Apraz-nos registar êste rasgo de sensibilidade que parte duma alma feminina que sabe viver e sentir tôdas as emoções elevadas e tôdas as manifestações de solidariedade humana.

Julgamos inútil encarecer mais esta condenação ao ódio, ao ódio que mata, que uma mulher ergue em nome do amor, em nome da vida.

Na assemblea geral do sindicato da Construção Civil de Valença, reünida em 16 do corrente, depois de usarem da palavra Artur José dos Santos, Adriano Branco e José Fernandes, foi aprovada por aclamação e por entre calorosos protestos contra a reacção mundial uma moção com as seguintes conclusões:

«1.º—Reclamar o imediato indulto de Pedro Mateo e Luis Nicolau.

2.º—Reclamar a liberteção de Manuel J. de Sousa e Manuel da Silva Campos, presos em Sevilha.

3.º—Dar todo o apoio moral e material à C. G. T. em qualquer movimento que venha a efectivar para salvar os dois revolucionários espanhóis condenados à morte.

4.º—Nomear uma comissão de três membros para fazer entrega desta moção do cônsul de Espanha em Valença».

No sindicato dos rurais de Vale de Vargo realizou-se há dias, com grande concorrência, uma sessão de protesto contra a condenação de Pedro Mateo e Luis Nicolau e contra a arbitrária prisão de Silva Campos e M. J. de Sousa, tendo usado da palavra António Machado, Manuel Seita e José da Piedade, que foram entusiàsticamente aplaudidos, sendo também muito saüdados no final da sessão a C. G. T. e *A Batalha*.

O sindicato dos empregados no comércio de Silves na sua última assemblea aprovou um enérgico protesto contra a condenação de Mateo e Nicolau e a injustificada detenção em Sevilha de dois delegados da C. G. T.

Deste protesto foi dado conhecimento, por telegrama, ao ministro de Espanha em Lisboa.

Os operários da Construção Civil de Olhão votaram, na sua assemblea geral de quinta-feira, uma moção de protesto contra a condenação à morte de Pedro e Nicolau, tendo enviado uma cópia dessa moção ao ministro de Espanha em Lisboa.

O COMICIO TRAGICO DE PARIS

Armandco Borghi, o conhecido militante sindicalista italiano, escreve à A BATALHA explicando o que foi o conflito sangrento entre comunistas e libertários, há dias sucedido na Central dos Sindicatos franceses

Os graves acontecimentos desenrolados na tarde de 11 do corrente, em Paris, terão naturalmente versões deturpadas pela imprensa interessada na mentira. Sentimo-nos, portanto, obrigados a relatá-los com a maior solicitude, dando também uma resenha dos seus antecedentes.

Um comício de propaganda eleitoral na Casa a dos Sindicatos

Previam-se tumultos sérios na ocasião do comício; mas tôdas as prerevisões estiveram àquém dos factos. Dois trabalhadores caíram mortos sob as balas de pistola da «guarda vermelha» formada pelos que se dizem comunistastas.

O balanço final do trágico acontecimento acusou três mortos e uma vintena de feridos, todos pertencentes à oposição sindicalista, a essa minoria sindicalista que tem combatido tenazmente a tendência vencedora em Bourdeurges. Depois do último congresso da C. G. T. U. os comunistas passaram a ser os donos absolutos da central, procurando expulsar da organização sindicical todos os elementos sindicalistas e substituí-los em todos os sindicatos. Cumpriram assim a palavra de Moscóvia.

O partido tem de dirigir-ir — e dirige como quere—tôda a acção e tôda a luta da classe operária; e se, por por sua causa, o sindicalismo mostra impotência, tanto pior para êste e tanto melhor para os fins eleitorais daquele, no período eleitoral que a França vem atravessando.

Os acontecimentos que vinham desenrolando-se, despertaram a minoria sindicalista e os elementos anarquistas. Há duas semanas, o partido comunista anunciou a realização dum grande comício na sala grande da Casa dos Sindicatos, na rua Grange-aux-Bx-Belles, sede da C. G. T. U., cujos objectivos seriam o protesto contra a carestia da vida, contra o aumento das horas das de trabalho e contra a política do govêrno. Para que chegasse o protesto a tôda a parte, sendo assim favorecida a luta eleitoral do partido comunista, a C. G. T. U. abdicava neste partido a tôda a sua luta, às próprias características, que são as da acção sindicalista.

O comício foi adiado alguns dias; mas como o Partido Comunista está de posse da C. G. T. U., formando uma só entidade, fixou-se o dia 11 de Janeiro para a sua realização, na Casa dos Sindicatos. Por êste facto a irritação entre os sindicalistas aumentou; viam o Partido Comunista instalar-se, para a sua luta eleitoral, no próprio edifício dos sindicatos!

Os comunistas recusaram atender os homens sensatos

Então, a minoria sindicalista convidou todos os seus camaradas a comparecerem no comício. *Le Libertaire* publicou o seguinte apêlo:

Nessa tarde, todos ao comício; não para perturbarem a reunião; mas para erguerem a voz, se fôr necessário.

Vários militantes da organização operária, que não queriam tornar-se servos humildes e obedientes à autoridade absoluta do Partido intruso, que não queriam essa intrusão nas reivindicações operárias, que queriam o socêgo da classe trabalhadora, deram aos comunistas o conselho de renunciarem ao seu intento.

Devemos reconhecer que Monmousseau e os seus companheiros, que dirigem a C. G. T. U. *não tem a liberdade* de cuidarem primeiramente dos sindicatos.

O comício realizou-se. Os chefes do Partido Comunista, Marcel Cachin e capitão Trent estão satisfeitos. Não venceram os sindicalistas; mas três mortos e vinte feridos testemunham as criminosas manobras dos politicantes, que querem degenerar o sindicalismo a todo o custo, com a mentira, com os rublos-ouro e com as armas homicidas. E' assim que os comunistas querem matar as organizações sindicalistas e fazer calar os seus membros.

Anarquistas e sindicalistas agredidos e mortos a tiro

A's 20 horas do dia 11, quatro mil operários enchiam a grande sala da Casa dos Sindicatos. Era intensa a animação.

O sindicalista Birhte pede a palavra e declara que estão ali os sindicalistas, que não pretendem perturbar a reünião, desejando apenas usar da palavra quando o julguem necessário.

Os comunistas interrompem o orador. E' a sua vez. Dão a palavra a uma mulher, cuja oração é constantemente interrompida. Cede a vez a Cachin—Cachin, que nós conhecemos em Itália, no ano de 1914, prègando, ao lado de Mussolini, a necessidade da guerra...

Cachin é também interrompido muitas vezes. Hemos presenciado comícios tumultuosos; nenhum foi tam bulhento como êste. A confusão é tal que o autor destas linhas, colocado ao fundo da sala, não consegue entender tanto os oradores como os interruptores. Mas consegue vêr o que se passa, de cima dum grande banco, arrumado contra a parede.

Agora, é o capitão Trent que fala. Faz um fôgo cerrado, a avaliar pela sua gesticulação, contra os nossos camaradas, que estão reünidos à esquerda do orador. Sucedem-se algumas scenas de pugilato entre os contendores de ambos os lados. O sindicalista Boudoux é golpeado com gravidade, a bastonadas.

A calma restabelece-se, em dado momento. Mas às 21 e 45 a confusão atinge o auge. Soam tiros de pistola. Alguns dos nossos camaradas caem, horrivelmente ensangüentados. *A guarda vermelha está a cumprir o seu dever.* A sala fica evacuada e começa a condução dos feridos ao hospital. Alguns chegam lá—mortos.

Vamos colhendo informes. Um operário italiano, comunista, dá-me a primeira informação. Não me conhecendo, talvez, diz que os tiros partiram da tribuna dos oradores. Na tribuna, estavam os chefes e sub-chefes do partido. Os mortos são bem conhecidos nos meios libertários. Chamam-se Morin e Leveque e o outro era Maniquin.

Nenhum elemento comunista foi atacado pelos adversários

O acontecimento provocou grande indignação na massa operária e nos meios sindicalistas e anarquistas. As polémicas que se seguem, entre os comunistas de *l'Humanité*, dum lado, a minoria sindicalista, anarquistas e comunistas dissidentes do outro,—três correntes que se opõem ao comunismo ortodoxo.

Os comunistas de *l'Humanité* arrogam-se de vítimas. Este jornal afirma que os anarquistas dispararam sôbre os próprios camaradas. Conhecemos êste processo. Na Itália, os fascistas usavam da polémica mistificadora e paragonica, depois dum massacre. Eles feriam e matavam os nossos camaradas e diziam depois sermos nós os assassinos.

Podemos afirmar o seguinte:

Os anarquistas não organizaram o protesto contra o comício; essa iniciativa partiu da minoria sindicalista e do seu comité. Dessa minoria fazem parte, é certo, anarquistas e sindicalistas revolucionários, sindicalistas revolucionários não anarquistas e até comunistas dissidentes, opositores desligados ou expulsos do partido.

Os que protestavam na sala grande eram operários sindicados na C. G. T. U. e pertenciam aquela minoria e não à tendência anarquista.

Os comunistas têm organizada uma guarda vermelha, armada de bastões ferrados e chumbados e de pistolas.

Nenhum comunista foi atingido pelos tiros ou agredido à bastonada, porque os nossos camaradas estavam bem isolados, para que errassem o alvo.

L'Humanité sabe bem que nenhum comunista foi atingido. Recorre à mentira, publicando, em grossos caractéres, que um dos mortos é comunista... porque lia cotidianamente *l'Humanité*. Os parentes foram ao jornal desmentir fazendo a declaração categórica de que o pobre morto era um libertário.

Na sala do comício, precisamente do lado dos nossos camaradas, estão vinte buracos, produzidos por bala de pistóla ou revólver, na parede. Isto indica que os tiros partiram do lado oposto, do lado onde se encontrava a guarda vermelha. A seu tempo, virão informações mais completas...

A repulsa dos sindicalistas pelos agressores

A minoria sindicalista e o conselho geral da Federação da Construção Civil e o Sindicato Unico da Construção Civil reüniram depois, para lavrarem o seu protesto.

A opinião geral resume-se nesta frase: «Não é com sangue que se unirão, em França, sindicalistas e comunistas.»

A A. I. T. enviou um telegrama de condolências aos sindicalistas e às famílias das vítimas. Pierre Besnard foi incumbido de representar a A. I. T. nos funerais.

Le Libertaire exortou os comunistas a não comparecerem nos funerais e os filiados na União Sindical Italiana foram convidados a assistirem em massa, para depôrem uma corôa nas sepulturas dos seus irmãos, vítimas do fascismo vermelho.

Armando BORGHI

TRABALHADORES: Lêde A BATALHA